

A PROBLEMÁTICA ÉTICA EM *EL ESPECTADOR* DE ORTEGA Y GASSET
THE PROBLEM OF ETHICS IN ORTEGA Y GASSET'S *EL ESPECTADOR*

JOSE MAURICIO DE CARVALHO
(UFSJ / Brasil)

RESUMO

Neste trabalho vamos examinar a discussão ética desenvolvida por Ortega y Gasset em *El Espectador* (2º volume das *Obras Completas*). O volume é constituído de ensaios agrupados em oito tomos. *El Espectador* representa a transição da fase inicial para a decisiva do pensamento orteguiano. Vamos indicar que a problemática ética nele contida antecipa a meditação orteguiana da fase madura, elaborada nas duas décadas finais da vida do filósofo.

Palavras-chave: Perspectiva, ética, Ortega y Gasset.

ABSTRACT

In this paper we examine the ethical discussion developed by Ortega y Gasset in *El Espectador* (vol. 2 of his *Complete Works*). The volume contains essays made up of eight parts. *El Espectador* represents the transition from the initial phase to the decisive moment of Ortega's thoughts. We point out that the problem of ethics therein contained anticipates the more mature reflections elaborated throughout the two final decades of the philosopher's life.

Keywords: Perspective, Ethics, Ortega y Gasset.

1 Considerações iniciais

José Ortega y Gasset é atualmente o filósofo mais lido na Espanha. Sua influência cresce em outros países da Europa, como relata Luís X. Alvarez no livro *La última filosofía de Ortega y Gasset*. Ali afirma que o pensador é apreciado como intérprete e narrador da Europa, ao que acrescentamos, com uma sensibilidade que traduz o modo ibérico de considerar os problemas universais.

Os estudiosos contemporâneos de Ortega y Gasset valorizam hermenêuticas que consideram a sua evolução intelectual. Jaime de Salas, na apresentação do livro citado, lembra que *Meditaciones del Quijote* e *El Espectador* retratam a transição para a segunda e decisiva etapa da filosofia orteguiana, assegurando coerência ao seu pensamento. Na primeira fase Ortega y Gasset revela influência do neokantismo alemão¹. A segunda fase é marcada pela recepção de *Ser e Tempo* de Martin Heidegger, pela descoberta de Wilhelm Dilthey e pela redação de *Qué es filosofía?* e *La rebelión de las masas*.

Ao fazer tal afirmação Jaime de Salas tinha em vista a evolução intelectual de Ortega y Gasset no tratamento da problemática ontológica, mas nosso problema é mostrar que esta mudança também se aplica às questões de Ética. Ao descobrir o papel da circunstância como complemento

do eu, o filósofo estruturou a razão vital e iniciou uma nova forma de tratar as questões éticas. Nossa hipótese é de que isto foi possível devido à superação das posições neokantianas² às quais o filósofo inicialmente aderiu. Neste processo considerou insuficiente, como buscavam os alemães, identificar a singularidade das ciências da cultura e passou a examinar as condições da experiência cultural chegando ao conceito de circunstância. Este conceito renovou a ontologia raciovitalista e foi também fundamental para as questões de ética. Adicionalmente desejamos mostrar que os temas de Ética abordados na fase final de sua meditação foram amadurecidos nos ensaios de *El Espectador*. Os trabalhos da fase final representam na ética como na ontologia o que há de mais original no legado filosófico orteguiano.³

Uma advertência importante: Ortega y Gasset nunca escreveu um livro de Ética, mas tratou de diversos problemas éticos. Não há como separar temas básicos de sua ontologia como: o projeto de existência do homem, o respeito à vocação e propósito de alterar a circunstância, de assuntos como liberdade e responsabilidade moral. A própria cultura, entendida como lugar onde o homem vive, não é desconectada da noção de valor.

Neste tempo de mudança rápida dos valores, quando o gozo efêmero substitui a responsabilidade, quando viver é um projeto vital que se afasta dos aspectos mais íntimos que nos singularizam, o pensamento ético orteguiano adquire novo brilho. O filósofo toma como parâmetro de vida o esforço pessoal desenvolvido no respeito à própria vocação.

2 As escolhas como problema ético

Escolher é o processo pelo qual o homem opta por uma alternativa. As alternativas que dispõe não são infinitas, pois ele vive numa circunstância. Mesmo com limitações nas alternativas ele é livre e responsável pelo que faz, pois o que escolhe é o que define sua vida. Vamos mostrar, a seguir, como Ortega y Gasset tratou esta problemática.

O estudo das escolhas humanas remonta à Antiga Grécia e teve momentos marcantes na Idade Média e nos tempos modernos. Na Grécia, Aristóteles enfatizou o aspecto racional do ato de escolher, com o que Santo Tomás, na Idade Média, concordou.⁴ Immanuel Kant foi quem na modernidade melhor associou escolha e liberdade. Ele afirmou que nossa vida pede que optemos e que nossa razão tem um lado prático que nos obriga escolher. Diz Kant em *Que significa orientar-se no pensamento?*: “mais importante é a necessidade da razão em seu uso prático, porque é incondicionado (...) não somente se queremos julgar, mas porque devemos julgar” (p. 82). Kant reconhece, portanto, a necessidade humana de julgar e escolher.

Ortega y Gasset participa desta tradição filosófica. Ele aceita o aspecto intelectual do ato de julgar, mas está atento a algo mais. Ele considera que as escolhas podem levar o homem a perder-

se de si mesmo, assim ocorrendo quando ele deixa de considerar os aspectos mais íntimos da sua personalidade: “imoral não é a inobservância do princípio racional, mas a renúncia ou infidelidade à própria vocação” (2003, p. 38).

A formulação orteguiana incorpora o sentido trágico das escolhas mencionado por Kierkegaard, mas revisa o seu significado. De que modo? Ortega diz em *Tierras de Castilla* que sofremos as consequências das nossas escolhas: “nós passamos a vida elegendo entre um e outro. Um penoso destino! Prolongada, insistente tragédia: porque preferir supõe reconhecer ambos os termos submetidos à eleição como bens” (p. 46). O que confere dramaticidade às escolhas é que ao fazê-las podemos perder nossa humanidade por não considerarmos nem as exigências íntimas, nem as do entorno. Chegamos ao problema posto por Kant, ainda que em um outro contexto, viver é o que escolher, pois ao escolher podemos nos desumanizar. Contudo o sentido desta desumanização é diverso em Ortega y Gasset e Kant como mostrou Gilberto Kujawski (1986): “a moralidade da vida não implica na moral intelectual do dever ser, e sim na moral concreta do ter que ser, ou que fazer” (p. 14). Isto é correto com base no que o filósofo escreveu em *Goethe desde dentro*, onde ele distinguiu “o dever ser da moral, que habita a região intelectual do homem, do imperativo vital, com o ter que ser” (p. 406). Esta distinção própria da fase madura da ética orteguiana, já aparece nos ensaios de *El Espectador*. Nos ensaios Ortega y Gasset identifica na vida humana um imperativo que nasce na esfera vital e sub jaz ao pensamento. Pretende dizer que as escolhas não deixam de ser intelectuais, mas envolvem um elemento mais fundo da personalidade. Embora a preocupação seja ontológica não significa que Ortega não vise um imperativo de ação. O que se percebe é que o imperativo orteguiano não tem a mesma inspiração que o de Kant, conforme avalia Leopoldo González (2001) do seguinte modo: “A vida, em cada pessoa, aspira a ser aquilo que tem que ser, de maneira que o ser humano não é apenas um dever, mas um ter que ser” (p. 51).

O imperativo para agir radica-se na fidelidade a si, que o filósofo estabelece como obrigação ética, como o reconhece Luís Araújo (2007) em comunicação apresentada no colóquio sobre Ortega realizado em Évora. No balanço efetivado sobre a filosofia orteguiana afirma que a vida, por conta das escolhas, adquire “uma atmosfera inegavelmente axiológica” (p. 5). A assertiva retoma o problema da relação entre escolhas e os valores da pessoa.

O ato de escolher revela um aspecto importante da vida, isto é, que ela incorpora a noção de circunstância. Ao escolher, vamos tecendo nossa vida, alterando a circunstância. Viver é mudar a circunstância a nosso favor diz o filósofo em *Ideas sobre Pío Baroja*, ensaio publicado no primeiro livro de *El Espectador*: “Ação é a vida inteira de nossa consciência quando está ocupada na transformação da realidade” (p. 90). Quando escolhemos, podemos nos perder por não respeitarmos o que somos, mas também por não transformarmos de modo adequado a circunstância.

O conceito de circunstância incorpora a ideia de morte. Um projeto vital humaniza a própria morte, conclui-se do que escreveu Ortega. Embora nem a ética, nem a biologia tenham estudado

suficientemente a inevitabilidade de morrer, diz Ortega y Gasset em *Notas del vago estio*: “(na vida o fundamental) é escolher com liberdade, com generosidade, com graça. Sejamos poetas da existência que sabem encontrar na vida a rima exata em uma morte inspirada” (p. 433). Estes aspectos revelam aproximação com a analítica existencial de Heidegger, que é parte importante desta etapa de seu pensamento.

3 Vocação e raiz das escolhas

Ao referir-se à necessidade humana de escolher, o filósofo reconhece um imperativo de ação de raiz existencial. Esse imperativo íntimo diferencia a disposição para agir, que é única em cada homem, esclarece Ortega y Gasset em *El hombre y la gente*: “Salvo casos singulares e extrapolados, quase todos os homens têm as mesmas qualidades positivas e negativas, mas cada um as tem em diferente lugar ou estrato de sua personalidade (...). Pedro e João são generosos, mas Pedro o é no estrato mais profundo e enérgico do seu ser” (p. 185).

A fidelidade a esse imperativo é importante para a ética. Ele alcança o modo humano de ser, o que aproxima a questão ética da ontológica, mas não a anula nem a substitui. Ao referir-se à obediência ao imperativo de ação, Ortega forja o termo vocação para tratar do lado íntimo de cada homem. Dito de outro modo: “realizar sua perfeição é realizar sua vocação, vida moral é fidelidade à vocação” (Martín, 2000, p. 156). Cada pessoa é única, possui uma vocação toda sua, diz o filósofo em *Conversación em el Golf*: “o que é bom em um homem é mal em outro” (p. 409). Este assunto tão importante de sua reflexão madura já se explicita com força em *Intimidades no Espectador VII* onde o filósofo afirma: “A vocação procede da força vital, e dela nasce” (p. 656). Este é um assunto fundamental que foi aperfeiçoado em diferentes trabalhos como: *Não ser homem de partido* e *Goethe desde dentro* (v. IV); *Mirabeau, o político* (v. III) e *A vinte anos de Casa Maior, do Conde de Yebes* (v. VI). O conceito é fundamental na ética orteguiana e começa a ser elaborado já na primeira fase de sua meditação, contudo, somente na segunda fase assume a forma definitiva. Nos oito livros de *El Espectador* a compreensão da vocação como elemento fundamental das escolhas será desenvolvido.

O que é a vocação? A vocação é um compromisso do homem com ele mesmo, mas não surge naturalmente. Ao contrário, sem esforço e empenho pessoal à vocação não se realiza, como para Kant, sem uma vontade boa o sujeito não faz boas escolhas. Viver sem se esforçar é característico do homem contemporâneo, denominado por Ortega y Gasset de homem massa. Sobre o homem massa comentou Ledesma (2001): “mais do que se encontrar culpado por não poder desejar, encontra-se descontente por não desejar com força suficiente” (p. 135). O homem massa não está atento à sua vocação particular.

As dificuldades da vida podem sufocar a vocação, mas o homem tem o dever ético de não o

permitir. Se não conseguir, tombará na massa, será como todo mundo. A vocação não é uma escolha, realizá-la sim. Assim, conforme Ortega y Gasset, a vocação não se despreza das escolhas, nem da possibilidade de optar livremente.

O conceito *vocação* traz o debate moral para o que há de mais íntimo na vida. Neste aspecto a vocação, ao contrário do projeto, não é consciente. A vocação está na raiz das buscas. Quando as buscas estão de acordo com nossa vocação nos sentimos mais centrados em nossa vida, o contrário dá a sensação de que nos dirigimos para um destino alheio. A ética orteguiana nos faz olhar existência como a realização de objetivos íntimos, não há como ser moral, sem ser fiel a esta intimidade. A fidelidade ao fundo interior inclui elementos da cultura e não apenas impulsos e emoções, já deixando ver os aspectos universais da ética. Estes dependem da objetividade do valor que é reconhecido na história e adquire a força da permanência quando reconhecido. O valor clareia as opções.

A vocação mostra que a ética não apenas está aberta a valores reconhecidos culturalmente, mas que se enriquece com a experiência moral de cada pessoa. Com este conceito Ortega y Gasset orienta a discussão ética para o adequado reconhecimento da subjetividade moral tomada como complementar à objetividade dos códigos.

4 Escolhas e cultura

As escolhas feitas em atendimento à vocação colocam em evidência a importância da experiência moral, mas não esgota a questão ética. As escolhas precisam considerar não só a fidelidade íntima ao querer vital, mas o reconhecimento dos valores. Não basta olhar para o eu, é preciso mirar também o que o envolve. Dito de outro modo (2002): “viver é realizar um programa, um destino, objetivar a própria vocação num mundo que está aí” (p. 382). As opções estão na circunstância e ela faz parte de mim. Este é o núcleo da ontologia orteguiana e aparece na Introdução das *Meditações do Quixote*, como lembra Gilberto Kujawski (1994): “Eu sou eu e minha circunstância, se não salvo a ela não salvo também a mim” (p. 39).

Com a noção de circunstância Ortega y Gasset dá dimensão objetiva à ética, pois o reconhecimento dos valores é cultural. O principal para a fundamentação ética e a superação do relativismo moral se encontra na teoria dos valores exposta em *Introducción a una estimativa*. Naquele ensaio, o filósofo esclarece que o valor não adquire sua condição porque nos agrada, ocorre mesmo o contrário, isto é, algo nos agrada porque tem valor. Em seguida, explica que os valores também não são coisas desejadas ou desejáveis, pois podemos desejar o que não é um valor. Ao contrário, os valores são objetivos: “o caráter objetivo consiste em uma dignidade positiva ou negativa que no ato de valorização reconhecemos” (p. 327). Em seguida, diz que os valores formam uma qualidade singular de objeto, de tal modo que “a experiência dos valores é independente da

experiência das coisas” (*idem*, p. 331). A estimativa que fazemos a partir dos valores depende do reconhecimento de um sistema de verdades. Este sistema depende de qualidades positivas e negativas e formam uma hierarquia: “A elegância é um valor positivo – frente ao negativo que é a falta de elegância, porém, por sua vez, é inferior à bondade moral e à beleza” (*idem*, p. 332). Os valores se organizam nas seguintes classes: úteis, vitais, espirituais (divididos em intelectuais, morais e estéticos) e religiosos. O desafio da ética orteguiana é criar uma cultura que respeite os imperativos vitais e não suprimir a cultura em nome deles. Assim parece ser porque Ortega y Gasset chega a uma caracterização da moral como estrutura, quando organiza os valores em classes.

Para saber se uma ação é moral é preciso levar em conta a circunstância. Ao comentar o uso de automóveis pelos espanhóis, o filósofo mostra que este uso não corresponde a um valor contemporâneo. O automóvel não era um instrumento de trabalho na Espanha, como no restante da Europa, mas de luxo. O veículo era polido por empregados mal pagos e numerosos. Por isto, o uso do automóvel não representa um valor moderno, mas um desvalor. Nem mesmo se assiste um esforço para alterar esta circunstância, diz Ortega: “Nada significaria moralmente esta acumulação de absurdos se tivéssemos assistido a ensaios enérgicos para corrigi-los, ainda que as tentativas houvessem fracassado” (p. 81).

No raciovitalismo orteguiano, cultura é menos que circunstância, pois é a face exterior dela, explica o filósofo em *Revés de Almanaque*: “A cultura, rigorosamente falando, é o sistema de convicções últimas sobre a vida (...). A questão é que o homem viu ante si, com evidência decisiva, a arquitetura de seu mundo. Porque viver é tratar com um contorno, empenhar-se nele, esperar dele e temê-lo” (p. 720/1).

Dito de outro modo em *El hombre y la gente*: “a cultura é aquilo para o que nossa atenção preferencialmente se dirige” (p. 172). A circunstância inclui além dos aspectos culturais, aqueles elementos do sujeito que não se confunde com o seu eu. Da circunstância, por exemplo, fazem parte: o sexo do indivíduo, a idade, o perfil de sua inteligência, o grau em que emociona, etc.

A relação entre as exigências do eu e as da sociedade será aprofundada em *Introducción a una estimativa*, mas já se encontra formulada em *El Quijote en la escuela* ensaio publicado no *Espectador III* no qual afirma:

Para que um homem exerça bem seus atos civis, deverá educar sua moralidade afinando sua sustentabilidade para as normas éticas, robustecendo sua obediência aos imperativos do dever, porém será estéril intentar isto se não contar de antemão com uma vigorosa potência da vontade, de entusiasmo, de energia básica (p. 278).

Ortega não nega a força da história, pois cultura é sempre uma realização temporal, mas

este historicismo não significa relativismo moral. A dimensão histórica da cultura e dos valores foi também tema de *Ética de los griegos*, onde Ortega y Gasset escreveu: “A ética grega começa, como a de todo ciclo histórico, por ser exclusivamente social” (p. 535). A historicidade da cultura também foi abordada em *Da moral visigótica* onde o filósofo afirma: “Houve um tempo em que a abstenção completa dos prazeres carnis era condição necessária para elevar-se à única forma de espiritualidade então conhecida: a espiritualidade religiosa” (p. 56). A frase significa que houve um período histórico em que tais valores não eram reconhecidos, mas acabaram por sê-lo na medida em que a experiência moral os reconheceu.

A moral visigótica tinha raiz grega, diz Ortega y Gasset. Ela foi construída para assegurar o bem viver na polis, ideal aristotélico de felicidade, afirma em *Ética de los griegos*. Sofreu, contudo, mudança radical “fazendo da vida uma defesa contra a vida” (p. 542). A ética estóica representou a plenitude deste desvio. Para voltar ao rumo certo precisamos olhar os valores desde dentro, com os olhos do momento em que foram criados. É um erro falar deles quando entram em ruína, afirma em *Idea del Teatro*: “vocês fariam mal em definir um homem segundo sua aparência quando o virem enfermo, o teatro e toda a realidade devem ser definidos segundo o ser em forma, e não em seus modos deficientes e ruinosos” (p. 441).

Nada mobiliza tanto o homem como o amor em todas as suas manifestações, diz Ortega y Gasset em *Leyendo El Adolfo Libro del amor no Espectador I*: “De sorte que debaixo da conduta aparente de nossos próximos se encontra subterrâneo e incansável o segredo do amor, poder muito mais eficaz e misterioso que todas as sociedades secretas” (p. 27). No entanto, a expressão do amor depende da história e da sociedade. O amor é eterno, mas sua expressão é cultural, esclarece o filósofo em *Para um museo romântico (El Espectador VI)* onde afirma:

que é uma ignorância da realidade histórica supor que se amou sempre do mesmo modo. Esta sublime emoção amorosa (...) depende, em consequência, do grau de perfeição a que chegou as faculdades superiores do espírito. O amor não é um instinto que nascido de uma vez para sempre, perdura imperfectível (p. 523).

A realização de qualquer assunto importante da cultura depende de alguém desviar seu querer para objetos que inicialmente não considerava fundamental. Diz o filósofo em *Leyendo el Adolfo, libro del amor (El Espectador I)* que as realizações culturais dependem de “algum espírito genial lograr transferir a séria atenção humana das coisas reconhecidas como interessantes para outras em que nada havia se fixado” (p. 28). Esta raiz vital posta na base da ação, mesmo que sem as mesmas referências à estrutura psíquica criada por Sigmund Freud possuía semelhança com ela. Ortega reconhece como contributo de Freud a descoberta “da potência mascarada que dirige anônima e irresponsável a metade de nossa conduta” (*idem*, p. 27). No entanto, ao contrário de Freud, diz que este impulso é balizado pelos limites da cultura, o que distingue o desejo do querer vital. Eis como concebe a distinção *El Quijote em la escuela (El Espectador III)*: “Querer é querer uma realidade

de algo, e, portanto, querer os meios que o realizam. Em última instância, é sempre um querer fazer algo. Desejar, em contrapartida, é o que expressamos com mais rigor quando falamos de um mero desejo” (p. 287).

O querer fazer tão próximo do ter que fazer é mais que a pulsão psíquica reconhecida por Freud. O querer inclui o objeto, o sentido social da escolha, os valores e os princípios reconhecidos pela sociedade. Enfim, o querer é um impulso que leva em conta a circunstância que, segundo Ortega, margeia o eu. No entanto, não há nunca coincidência entre o querer e aquilo que uma dada sociedade considera moralmente bom ou não. Assim a Ética surge como “lugar para discutir se o moralmente bom e moralmente mal coincidem ou não com estes outros valores vitais” (*idem*, p. 291).

Uma última questão sobre as escolhas. Quando escolhas feitas por um grupo se solidificam num costume é difícil alterá-las. O costume é um valor petrificado, imobilizado, portanto é uma parte da cultura. Os valores mudam com o tempo e vão se objetivando em novas normas, leis, teorias da ciência, escolas de filosofia, obras de arte, etc. O costume tem um elemento imóvel que não se abre ao futuro. A cultura, sendo histórica, abre-se ao futuro e às mudanças, ainda que também tenha elementos do passado, é o que Ortega y Gasset esclarece em *Reforma del carácter, no reforma de costumes*, onde escreve: “é o costume precisamente o não legislável, porque não é substância humana, senão mecânica natural, e tanto vale proibir um costume, como proibir a uma nação os terremotos” (p. 18). A comparação é alegórica, interessa a Ortega y Gasset mostrar a força dos costumes num grupo, mas esta cristalização de procedimentos não impede a renovação cultural.

O papel do valor nas escolhas é assegurar para elas um grau de objetividade. Segundo mostramos, a objetividade da moral depende da objetividade dos valores. Este assunto foi desenvolvido nos diferentes ensaios de *El espectador* e encontra formulação completa em *Introducción a una estimativa*.

5 Escolhas e felicidade

As escolhas éticas estão vinculadas a nosso querer vital e não aos desejos, como indicamos acima. A realização do querer vital leva à felicidade? Difícil questão que Ortega decide enfrentar. Para levar adiante sua investigação, define felicidade, em *Ideas sobre Pio Baroja (Espectador I)*, como “encontrar algo que nos satisfaça completamente” (p. 79). É claro que esta questão está misturada com outras, como o que um objeto precisa possuir para nos satisfazer? Há algo de objetivo nele que leve à felicidade? Por outro lado, fica superada a questão de associar a felicidade à realização dos desejos, pois os desejos não alcançam toda a existência que inclui o eu e a circunstância. Ortega y Gasset esclarece que algumas pessoas realizam seus desejos e ainda assim são infelizes. Esta observação é comprovada hoje em dia nos consultórios dos psicoterapeutas, diz Francisco Barreto (2006) que “se o ideal dá lugar ao gozo (...), os novos sintomas que surgem são: as toxicomanias, a delinquência, a anorexia, a bulimia, a depressão e o pânico” (p. 6). Assim ocorre, conclui Ortega sem

a preocupação clínica de Barreto, porque as pessoas não alteram a circunstância e não respondem ao desafio íntimo que brota do querer vital.

As escolhas são fundamentais porque concretizam a missão de cada um, dão efetividade ao fundo insubornável que instiga a realizá-la. Explica Ortega em *Ideas sobre Pio Baroja*: “A verdade do homem se baseia na correspondência exata entre o gesto e o espírito, em perfeita adequação entre o externo e o íntimo” (p. 85).

Pode um objeto fazer um homem feliz? Ortega responde negativamente do seguinte modo: “Não há valores absolutos nem absolutas realidades. Tudo pode valer objetivamente, ser objetivamente real se é sinceramente sentido” (*idem*, p. 85). Portanto, importa o vínculo entre o querer vital e sua realização externa assim abordada: “Sede sinceros! Esse movimento em que faz parte o íntimo é a verdadeira vida” (*idem*, p. 85).

Colocada a questão neste ajuste fino entre o dentro e o fora, Ortega quer saber se o que fazemos no espaço cultural pode nos fazer felizes. A resposta é negativa. As realizações são verdadeiras, mas a verdade que contém não responde aos desafios de nosso *ter que ser*. Ele afirma: “Pressentimos que em grande parte nossa ciência é verdadeira e nossa moral também. Porém nos deixam frios, não irrompem dentro de nós, nem nos arrebatam” (*idem*, p. 87).

Ortega y Gasset entende que aquilo que não arrebatava não parece suficiente para fazer alguém feliz. Exemplo disto foi o que escreveu a rainha Cristina da Suécia ao abdicar da coroa: não me agrada e não me basta. O filósofo chama atenção para aquilo que nos convida intimamente e lembra o entusiasmo com que foram acolhidos os escritos de Nietzsche e Stendhal nos dias que viveram. Ele previne contra o preconceito de considerar vital o retorno à animalidade, pois “estamos acostumados aos valores especificamente intelectuais” (*idem*, p. 81). Não é isto o que vital representa e por isto é preciso superar esta identificação entre o vital e o animalesco. Pio Baroja percebe a distinção entre a ação e a ação que arrebatava quando relata a vida do aventureiro que dá tudo de si para vencer o que o ameaça. O aventureiro, contudo, acrescenta Ortega, não crê naquilo a que se entrega. Falta-lhe este elemento para ser feliz. De todo modo, já ficou claro o fundamental, uma cultura que comprima paixões, como as jaulas comprimem as feras, não produzirá felicidade. O caminho da infelicidade é ser infiel ao que somos intimamente. Diz Ortega y Gasset: “na ética como na estética, a essência do pecado é querer ser tido pelo que não se é” (*idem*, p. 100). A fidelidade a si mesmo, ajustada aos valores culturais, é o que faz alguém feliz.

6 A fidelidade à vocação é a escolha ética por excelência

A fidelidade ao mais íntimo de nós é o que nos realizará. Esta é uma exigência absoluta, à qual a própria existência se subordina, radicaliza Ortega y Gasset. Para exemplificá-la lembra o episódio no qual São Maurício, à frente de uma legião tebana dizimada pelo imperador pagão,

comanda alegremente a tropa cristã ao martírio. Suas palavras convencem seus amigos de que devem morrer para serem fiéis às próprias crenças, justamente porque conservando a vida ela não seria mais uma vida própria, como relata em *Muerte y Resurrección*. Este assunto aparecerá também em *Introducción a un Don Juan*, onde o filósofo associa vida moral à fidelidade a uma vocação do seguinte modo: “Declaro que não conheço outro traço mais certo para distinguir um homem moral de um homem frívolo que o ser capaz de dar a vida por algo” (p. 136).

Don Juan entrega-se a uma causa, conforme explicita o filósofo em *El tema de nuestro tiempo*: “só quando existir uma ética que conta com sua norma primeira, poderia Don Juan submeter-se” (p. 178). A vida, que é a realidade primeira, não é uma exigência absoluta, mas relativa diante da fidelidade à exigência de ser o que se é. Diz Ortega y Gasset em *Muerte y Resurrección* que quando escolhemos algo “sem reservas, sem temores, integralmente – cumprimos com nosso dever, porque o maior dever de fidelidade é conosco mesmos” (p. 153). Esta questão é observada por Ignácio Câmara que afirma no artigo *Ortega y Gasset y la filosofía de los valores* (2000): “Minha vida é a realidade radical, porém isto não significa que seja a mais importante de todas” (p. 160).

A escolha ética obriga integralmente, mas não faz dele infeliz e esta é a crítica que ele faz aos gregos e a Kant, tão diferentes no tratamento das questões e tão iguais em defender uma lei moral que faz o homem infeliz. Diz Ortega y Gasset em *Para la cultura del amor* que “uma interpretação da ética que obriga formalmente o homem a estar descontente com ele mesmo, prova *ipso facto* sua falsidade” (p. 142). A fidelidade a si mesmo é assunto retomado em *Instinto y razón*, onde o filósofo esclarece a relação entre o descontentamento pessoal e os ideais subordinados a uma razão pura. Ele explica: “em vez de suplantar o instintivo e irracional convém completá-lo com esta: a razão nunca basta a si mesma, é somente correção do instinto, aperfeiçoamento da espontaneidade” (p. 485).

A fidelidade a si abre espaço para tratar o amor. É no amor que tal fidelidade encontra expressão plena. Já explicamos que a vida é o que há de mais importante como núcleo ontológico para pensar a realidade, mas não como valor central. Veremos agora que a fidelidade a si não significa egoísmo, ao contrário, representa entrega completa a alguém ou a alguma causa. O que Ortega esclarece neste ensaio é que quando amamos nos entregamos mais completa e dedicadamente ao que faz nossa vida valer a pena, ao que essencialmente somos. Diz Ortega y Gasset “não é o amante que jura, senão o amor mesmo que é, em sua plenitude, juramento” (*idem*, p. 143).

O amor tem muitas faces, mas Ortega y Gasset toma como referência aquele que une homens e mulheres. Nele fica claro porque o amor é plenitude e juramento. Há uma força vital que carrega os amantes e não do mesmo modo. Diz o pensador em *Esquema de Salomé* que “existe, pois, uma harmonia pré-estabelecida entre homem e mulher, para esta, viver é entregar-se, para aquele, viver é apoderar-se e ambos (...), precisamente por serem opostos, vivem em perfeita acomodação” (p. 360).

O entendimento do amor como expressão máxima da fidelidade a uma causa ou a alguém foi assunto de vários trabalhos: *Para la historia del amor*, *Para una Psicología del hombre interesante*

e *Masculino e Feminino*, todos reunidos no volume IV e no prefácio do livro *El collar de la paloma*, transcrito no volume VII das *Obras Completas*. Neles Ortega trata das várias manifestações do amor, da entrega que o amor exige, do amor como agente de aperfeiçoamento moral, das características da escolha amorosa, das diferenças na forma de amar de homens e mulheres, da beleza feminina e das alterações históricas na expressão do amor. Todos estes assuntos típicos do raciovitalismo orteguiano já se encontram nos ensaios de *El Espectador*. O que nos fica destes ensaios da reflexão madura de Ortega y Gasset é que sem ser fiel às suas aspirações mais íntimas, o homem perde-se de si mesmo e se desmoraliza. O homem que se desmoraliza torna-se massa e passa a procurar fora de si o sentido da vida. Ensaia encontrá-lo na política, na mesmice social, na rotina, no trabalho, mas não o encontrará aí, além de correr o risco de perder sua energia vital.

Há na ética orteguiana o convite para o homem voltar a si na busca do sentido da vida e não se perder em hábitos, trivialidades e rotinas. O risco de perder-se parece grande ainda hoje quando temos uma sociedade onde o prazer efêmero substitui o amor, a superficialidade das relações se sobrepõe à amizade, onde o trabalho rotineiro e impessoal consome tempo crescente e onde fadiga e infelicidade estão associadas. A procura de alternativa para tudo isto, a busca de orientação para a vida é um desafio muito forte em nosso tempo. A ética orteguiana pode servir de orientação para nos afastar aquilo que impede de ser o que somos.

7 A fidelidade a si não resulta em vaidade

Dissemos no item anterior que as escolhas éticas por excelência são aquelas realizadas com respeito à própria vocação e que procuram realizar valores da cultura. Ortega y Gasset observa que alguém que age assim arrasta outras pessoas, como ocorreu com São Maurício cuja história resumimos. São Maurício tornou-se exemplo de fidelidade a si, e por isto serviu de exemplo aos companheiros de tropa. Ele não pretendeu tornar-se modelo, mas acabou sendo porque outros puderam ser fiéis a si mesmos olhando para ele.

Ortega distingue no ensaio *No ser hombre ejemplar* (355-359), uma autêntica de uma fictícia exemplaridade. Da autêntica é exemplo São Maurício e todos os que se entregam imediata, direta, perfeita e espontaneamente à própria vocação. É a entrega que faz dele exemplo. A exemplaridade inane é, diversamente, realizada por aqueles que buscam a perfeição por imitação, sem que isto nasça de uma exigência íntima, mas sirva para ser admirado como modelo. Eis como Ortega comenta a exemplaridade inautêntica: “o que o atrai, o que ambiciona, é este efeito social da perfeição, a exemplaridade. Não quer ser grande caçador, guerreiro, nem bom, nem sóbrio, nem santo. Não quer, a rigor, ser nada em si mesmo. Quer ser para os demais, aos olhos alheios; norma e modelo” (p. 356).

O que faz desta falsa exemplaridade uma imoralidade? A infidelidade a si, o não realizar

nada de próprio ou de bom. Aparência de bondade não é bondade, ela esconde a vaidade. Explica o filósofo:

Como ele é um temperamento radicalmente vaidoso e tudo o que faz tem em vista os demais, ou, o que é pior, convertendo-se ao modo de Narciso, em espectador de si mesmo, propende obsessivamente para onde é possível brilhar, e desconhece o amor generoso e direto ao mero exercício de uma potência (p. 357).

Quando Ortega y Gasset defende a tese do amor generoso realça a qualidade desportiva da ação moral. O filósofo espera que cada qual se entregue à realização do seu projeto como um atleta se entrega à disputa olímpica. Ele não elabora uma moral dos sentimentos, mas uma moral onde os sentimentos fortalecem a ação boa, como diz em *El Quijote em la escuela* que é importante buscar o que “suscita em nós as correntes induzidas dos sentimentos que nutrem o pulso vital”. (p. 295). É este empenho para realizar uma missão pessoal que reaparece em *El genio de la guerra alemana*. Deixando à parte seus comentários às *Considerações de Scheler sobre a Guerra*, Ortega diz que a guerra representa o empenho completo de mudar a circunstância. É o que serve nela, pois a guerra é uma quebra da ordem jurídica e moral. Diz: “Todas as guerras de todos os tempos foram feitas pelo futuro, não enquanto pode ser informado pela ação livre” (p. 196). Ele conclui que os benefícios da guerra ou são secundários, ou fortalecem a ordem jurídica.

8 Considerações finais

Neste trabalho tratamos as questões fundamentais da fase madura do raciovitalismo orteguiano. Procuramos mostrar que tais teses foram desenvolvidas depois que o filósofo superou as posições neokantianas típicas de sua formação e quando pensou o significado da vida como um que fazer em circunstância. Também mostramos que os elementos da moral raciovitalista foram construídos em *El Espectador*, livro que ao lado das *Meditaciones del Quijote*, expressa a transição para a segunda e decisiva fase da filosofia orteguiana. Encontram-se nos ensaios de *El Espectador* os tópicos que serão contemplados nos estudos posteriores de ética orteguiana. A formulação ética que daí emerge ajuda o homem de nosso tempo a se orientar diante da dificuldade de construir um sentido próprio para a vida. Esta busca não se completa perfeitamente, mas o êxito possível depende dos esforços constantes de nossa vida. Só sendo fiel ao fundo insubornável de nós mesmos podemos superar o autoesquecimento e ir adiante da vida das massas.

Os itens examinados nos mostram que a ética orteguiana é uma ética da vida, isto é, uma teoria que busca o que há de fundamental na existência singular, daí a importância atribuída às escolhas que o homem faz. No entanto, ela não é vitalista ou lúdica na forma difundida pela filosofia nietzscheana, nem incorpora a angústia da escolha própria dos existencialistas. Ela traz os valores

culturais para o espaço pessoal com o conceito de circunstância e estimula o entusiasmar-se com o ideal de perfeição nele presente. Este ideal, conforme procuramos indicar, encontra-se resumido no conceito vocação, o que faz a vida moral ser ética é a adesão pessoal a esta vocação. Cada homem teria como tarefa desenvolver o que há de autêntico no eu associado a sua circunstância. Fazendo-o desenvolve o seu modo único de ser, sua vocação. Nos ensaios de *El Espectador* nós encontramos os elementos de uma ética dirigida ao aperfeiçoamento da pessoa humana. Pessoa cuja condição via-se ameaçada no tempo do filósofo pelas dificuldades do que ele mais tarde denominou sociedade de massas.

Os elementos examinados no artigo: escolha moral, seu fundamento e vínculo com a felicidade; a noção de liberdade como um que fazer em circunstância; o entendimento de que valores se objetivam formando a cultura e que cultura é uma segunda pele que se junta ao eu, a compreensão de que os costumes são valores cristalizados difíceis de alterar, indicam que apesar de Ortega y Gasset não haver escrito um livro de ética forneceu elementos para se construir uma teoria ética. Alguns de seus herdeiros intelectuais mais conhecidos procurarão levar adiante esta tarefa, mas tratar disto seria ir muito além dos objetivos deste trabalho.

Notas

¹ A primeira fase do pensamento orteguiano corresponde aos anos de sua formação. Esta época se estende até 1910 quando José Ortega y Gasset se encontra próximo da literatura. Leu e comentou Julio Verne, Conan Doyle, Dickens e William Shakespeare. Faz parte também desta fase inicial a viagem para a Alemanha onde estuda e adota o pensamento neokantiano e fenomenológico cujas categorias emprega na fase inicial de sua meditação filosófica, inclusive de ética. A formação de posições próprias principia com o desenvolvimento da ideia de circunstância e superação do neokantismo. Hoje se aceita que a partir de 1932 Ortega y Gasset tenha retomado do diálogo com a fenomenologia, mas esta segunda onda (ou terceira fase) não afeta o fundamental do que foi traçado desde o início da maturidade filosófica iniciada por volta de 1911 e que consideramos genericamente como segunda fase de seu pensamento neste artigo. Na verdade, parece que a última fase do pensamento de Husserl favorece esta aproximação com o raciovitalismo.

² O contato de Ortega com os neokantianos e culturalistas alemães deu-se na fase em que eles procuravam estabelecer princípios seguros para as chamadas ciências culturais e da História. Os nomes de maior destaque do movimento eram Wilhelm Windelband (1848-1915) e Heinrich Rickert (1863-1936).

³ Os estudos de ética que marcam a segunda fase da reflexão orteguiana são além do já mencionado *Meditaciones del Quijote: Instinto e razón* (485), *Ética de los griegos* (533-543) e *El tema de nuestro tiempo* (143-243) reunidos no terceiro volume das *Obras Completas*; *Goethe desde dentro* (381-427), *La moral del automóvil em Espana* (84-88) e *La rebelión de las massas* (113-310), encontrados no volume IV; *O que mais falta hoje* (237-241) localizado no volume V; *Introducción a un Don Juan* (121-137), *Introducción a una estimativa*, (315-335) e *A veinte años de caza mayor* (419-491) presentes no volume VI; *El hombre y la gente* (69-272), *Idea del teatro* (441-501) e *Goya* (503-573) no volume VII; *Vistas sobre el hombre gótico* (332-338) no volume v. IX; *Reforma del carácter; no reforma de costumbres*, (17-21) e *La moral visigótica*, (56-58), no volume X e *Investigaciones Psicológicas* (331-443) no volume XII. Os ensaios de *El espectador* que tratam mais diretamente de questões éticas e que usamos neste artigo estão no volume II das *Obras Completas* e são: *Leyendo El Adolfo Libro del amor* (25-28), *Tierras de Castilla* (43-49); *Ideas sobre Pío Baroja* (p. 69-102), *Para la cultura del amor* (140-145), *Muerte y Resurrección* (149-154), *El genio de la guerra alemana* (192-223), *El Quijote en la escuela* (273-306), *No ser hombre ejemplar* (355-359), *Esquema de Salomé* (360-363), *Conversación en el Golf* (403-409), *Notas de vago estío* (413-450), *Para um museo romântico* (514-524), *Intimidades* (635-663) e *Réves de Almanaque* (719-741). O volume II das *Obras Completas* publicado pela Alianza Editorial contém os oito tomos de *El Espectador*. O primeiro é de 1916, os seguintes foram editados respectivamente nos anos de 1917, 1921, 1925, 1926, 1927, 1930 e o último em 1934. Os oito tomos têm em comum mirar o mundo com os olhos do sujeito, aprofundando o estilo das *Meditaciones del Quijote*. Trata-se de uma forma nova de fazer filosofia olhando o mundo, estilo apropriado ao ensaio, que como diz Droguett (2002): “é instrumento adequado ao *espectador*, que cria cultura através de seu olhar” (p. 30).

⁴ As questões sobre liberdade aparecem em Aristóteles na *Ética a Nicômaco* (III, 5,1113 b). (cf. publicação na coleção *Os pensadores*, São Paulo, Nova Cultural, 1987 às p. 47/8). Santo Tomás na *Summa contra Gentios* II, 48 diz que livre-arbítrio é a causa do próprio movimento porque o homem determina a si mesmo ao agir. A posição de Santo Tomás foi resumida por Abbagnano no seu *Dicionário de Filosofia* no item sobre liberdade (cf. 2.ed., São Paulo: Mestre Jou, 1982).

Referências

AMOEDO, Margarida I. A. *José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação*. Lisboa: INCM, 2002.

ÁLVAREZ, Luís e SALAS, Jaime. *La última filosofía de Ortega y Gasset*. Oviedo: Universidad de Oviedo, 2003.

ARAÚJO, Luís. Atualidade no pensamento ético de Ortega y Gasset. In: *José Ortega y Gasset*. Évora: Imprensa da Universidade, 2007.

BARRETO, Francisco P. O proibido e o obrigatório. In: *Caderno Pensar*: Estado de Minas, 24/06/2006. p. 6.

CAMARA, Ignacio Sanches. Ortega y Gasset y la filosofía de los valores. In: *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid, 1, nov. 2000: 159-170.

DROGUETT, Juan Guillermo. *Ortega y Gasset*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUANTES, Maria Isabel Lafuente. Ortega: hombre y cultura. In: *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid, 5, 2002: 85-101.

KANT, Immanuel. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

KUJAWSKI, Gilberto. *Viver é perigoso*. São Paulo: GDR, 1986.

_____. *Ortega y Gasset, a aventura da razão*. São Paulo: Moderna, 1994.

LEDESMA, Felipe. O mal radical, notas sobre *La rebelión de las massas*. In: *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid, 2, 2001: 131-135.

MARTÍN, Javier San. La ética de Ortega: nuevas perspectivas. In: *Revista de Estudios Ortegaianos*. Madrid, 1, nov. 2000: 151-158.

ORTEGA Y GASSET, José. *El Espectador. Obras Completas*. v. II. 3ª reimpresión. Madrid: Alianza, 1998.

_____. *Goethe desde dentro. Obras Completas*. v. IV. 2ª reimpresión. Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Introducción a una estimativa. Obras Completas*. v. VI. 2ª reimpresión. Madrid: Alianza, 1997.